

"FORASTEIROS DA DISPERSÃO"

Experiência de migrante e memória bíblica

Milton Schwantes *

1 - BÍBLIA - UM TEXTO A CAMINHO

C

omo livro, a Bíblia está concluída. A palavra "Bíblia" tende a evocar em nós a imagem de um livro, com capa, pronto. Mas, possivelmente, a figura que nos ocorre não seja a de um livro fechado, a de uma obra de es-

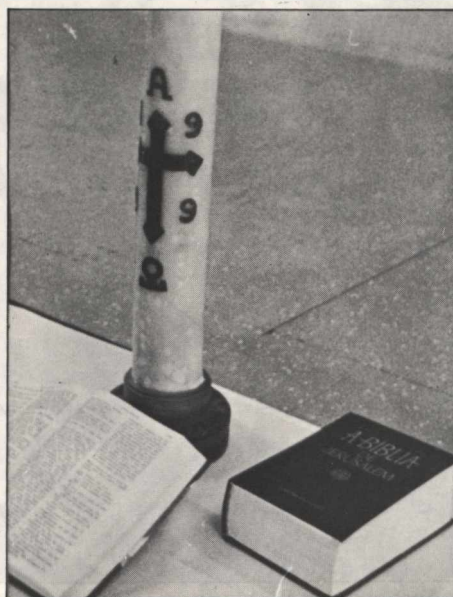
tante. Pelo contrário, havemos de estar pensando também naqueles livros abertos, sobre um altar ou na mão de algum pregador. Ou vêmo-lo debaixo do braço de um "irmão" a caminho do culto.

É o que, hoje, caracteriza a Bíblia. Ela não é muito típica para bibliotecas, se bem que aí também esteja, em meio a outros livros, à espera de usuários. Ela antes se situa em meio à reunião de pessoas, sendo lida em público, sendo carregada pra lá e pra cá. Este vai-e-vem lhe é característico. É um "livro" a caminho, um texto que a gente "transporta".

1.1 - FRUTO DE SITUAÇÕES ESTÁVEIS

Como livro a Bíblia é fruto de situações estáveis. Afinal, é comum que assim seja. Para que surja um livro, uma certa infra-estrutura é indispensável. É preciso que haja gente liberada para uma tal tarefa.

Durante séculos, copistas foram os que garantiram a continuidade do tex-



to. Eram mantidos para esta tarefa. Nela estavam especializados: copiar sem erro e em letra bonita.

O próprio cânone bíblico foi estabelecido em momentos de estabilização. O próprio cânone hebraico do Antigo Testamento é definido num momento em que o judaísmo busca nova estabilidade. O Império Romano havia destruído a Palestina e destruído o templo de Jerusalém em 70 d.C. As comunidades cristãs, saídas do judaísmo, espalhavam-se por toda parte. Neste contexto, o judaísmo rabínico busca estabilizar um novo projeto. E nestas circunstâncias também define o cânone hebraico, fruto da estabilização.

Em ambiente semelhante, é acelerado o processo de canonização dos textos do Novo Testamento, na segunda metade do segundo século. O império Romano afunilava suas perseguições. Cresciam as divisões internas. Nestas circunstâncias, o cânone emergente servia de elemento estabilizador.

Mas, não só a transmissão do texto bíblico, na qualidade de texto escrito,

copiado e re-copiado, e a constituição do cânone vêm no bojo de anseios e estruturas estabilizadoras. Mas tais fatores também tiveram sua influência na formulação final de alguns livros bíblicos.

Pensemos, por exemplo, em Marcos, o mais antigo dos evangelhos. Afinal, ele representa um momento novo para as comunidades cristãs. Estas já há décadas davam-se por satisfeitas em rememorar as histórias a respeito de Jesus. A transmissão oral lhes bastava. Por que então fazer surgir um evangelho escrito, no caso Marcos? Ora, uma das razões importantes terá sido a de buscar a fixação e estabilização desta memória, no contexto do ano 70 d.C. As legiões romanas haviam destruído a Palestina e causado também muito sofrimento às pequenas comunidades cristãs (veja Marcos 13!). Neste ambiente, fez-se escrever o evangelho de Marcos, para preservar e estabilizar a memória a respeito de Jesus e as comunidades.

Pensemos, por exemplo, nas origens de Israel. As histórias a respeito de Sara e Abraão, de Moisés e Josué, dos Juízes foram, no início, todas transmitidas oralmente, nas famílias e nas tribos. Algumas se firmaram através de séculos de memorização. Quando se teria começado a anotá-las? Na pesquisa bíblica, se costuma apontar para os tempos de Davi e Salomão, no 10º século a.C. Teria sido este ambiente da monarquia, das instituições estáveis e duradouras, que propiciou as condições para a origem de literatura.

Portanto, a Bíblia, em especial quanto texto e livro, tem muito a ver com condições estáveis, "sedentárias", digamos tranquilas. Não resta dúvida, pra fazer um livro é preciso ter fôlego,

"ambiente". Mas isso, por certo, não basta, em especial não em se tratando da Sagrada Escritura.

1.2 - FRUTOS DE MOMENTOS DE RUPTURA

Umas das traduções mais famosas da Bíblia é a de Martim Lutero. Marcou época. Com ela inicia algo novo no cristianismo ocidental.

Esta tradução foi iniciada em circunstâncias muito especiais. Lutero, proscrito e ameaçado de morte, corria perigo de vida. Seus amigos trataram de escondê-lo num burgo. Neste "exílio", pôs-se a traduzir o Novo Testamento, em 1521-22, publicando-o em setembro de 1522. Tranqüilidade e estabilidade, por certo, não foram motivos que levaram a esta tradução. Muito pelo contrário. Perseguição e exílio resultaram nesta tradução do Novo Testamento. Sim, Bíblia também é fruto de provisoriedade.

Perseguições e dispersões, não raro, puseram a Bíblia em destaque. Quando o povo de Deus estava a caminho, em exílios e desterrados, a Escritura se fez companheira predileta.

É o que experimentou o próprio judaísmo com sua Bíblia, nosso Antigo Testamento. Quando seu templo foi queimado em 70 d.C., quando sua terra foi arrasada e ocupada pelo Império Romano, quando, enfim, até lhe foi proibido o acesso à terra dos pais, restou-lhe a Torá, a "lei", sua Bíblia. Ao redor dela, o farisaísmo reagrupou sua gente, fomentou sinagogas, viabilizou a sobrevivência de seu povo até hoje. Aí a Bíblia foi e é força de gente desalojada, dispersa, perseguida.

Papel semelhante desempenhou o exílio babilônico no 6º século a.C. Até este século não terão sido muitos os textos escritos, em circulação. E, nem mesmo, terão tido um papel muito importante. Bem mais significativa terá sido a vivência religiosa, com seus profetas e sábios, com seus levitas e sacerdotes. Já terá havido alguns textos,



Foto: Maurício P. Spósito

escritos cá e lá, mais ou menos circunstâncias, mas todos eles muito provisórios, passíveis de adendos e adequações. Pois até o exílio a tradição viva, oral, celebrada e contada terá tido a primazia. Sim, no tempo dos reis, isto é, nos séculos anteriores ao exílio, não era um texto que perfazia a religião. O livro emergiu, mais e mais, no exílio, quando o Estado estava destruído, quando a terra estava "desolada", quando parte do povo amargurava o exílio na Babilônia. Aí passou-se a colecionar os ditos dos profetas. Escreveu-se a história dos reis. Reescreveu-se os contos a respeito das origens. O exílio do 6º século é, por assim dizer, o berço do Antigo Testamento. É o chão no qual a Bíblia brotou. Neste livro se expressa gente desalojada, dispersa, migrante, foragida. É texto "feito na estrada".

É também o caso do Novo Testamento. Reúne textos feitos "nos caminhos".

As cartas do apóstolo Paulo são escritos dessa espécie. Já por serem cartas, apontam para a dimensão do provisório. Mas, ainda por cima, são

cartas de um caminhante, de quem percorria, qual "andarilho", as estradas do Império Romano e suas cidades para "pregar a Cristo crucificado" (1 Coríntios 1,23). Praticamente cada carta foi escrita desde outro local, foram feitas a caminho. Veja, por exemplo, a carta aos Romanos, escrita a caminho de Jerusalém, no propósito de ir a Roma para chegar à Espanha. É como se fosse carta de um migrante, sem teto e sem chão.

Neste ambiente de instabilidade e de entusiasmo missionário, possivelmente podemos situar outros escritos do Novo Testamento. Penso no Apocalipse, escrito pelo prisioneiro João, "companheiro na tribulação" (Apocalipse 1,9). Penso em 1 Pedro, destinada "aos eleitos que são forasteiros da dispersão" (1 Pedro 1,1), a gente sem lar, sem eira nem beira. Mas, por certo, um evangelho como de Marcos também está enraizado neste ambiente. Por um lado, respira a situação de inquietação e de angústias da "guerra judaica", isto é, da invasão do Império Romano na Palestina, que culminou com a destruição de Jerusalém e de seu templo, em 70 d.C. Em meio a estas circunstâncias anuncia o "reino de Deus que está próximo" (1, 14-15). Propõe a organização de comunidades para resistirem (1, 16-39), para enfrentar as "legiões de possessos" (5, 1-14). Por outro lado, promove a missão: leigos (1, 16-20), mulheres (1, 29-31), doentes (1, 40-45), novas "mães" e novos "irmãos" (3, 31-35) são agrupados em comunidade para que o reino seja proclamado, para que seja "anunciado tudo o que o Senhor te fez" (5, 19): "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" (16, 15). Este evangelho de Marcos nasceu na missão e a ela se destina. Provém de gente desinstalada, a caminho, e se destina a desinstalar mais ainda: "Ide!". A hora urge! O reino está aí!

De muitos outros escritos do Novo Testamento se poderá dizer o mesmo. São textos a caminho. Ora porque foram escritos por missionários itinerantes, ora porque promovem tal itinerância. São produtos de um projeto missionário. Frutos de rupturas em direção de novos horizontes.

1.3 - MEMÓRIAS DE MIGRANTES

Vamos quanto uma tradução, como a de Martim Lutero, quanto a constituição do cânone e a conclusão de certos livros ou cartas de Bíblia situam-se em momentos de ruptura. São prenúncios de algo novo. Fizeram com que o povo de Deus avançasse na estrada, que se desse conta de horizontes novos. Dizíamos isso da Escritura conquanto texto, escrito ou traduzido.

Quanto mais tudo isso há de valer para a memória que precede o texto!

Pois, de fato, no caso da Bíblia, a escrita é um "ato segundo". Antes de ser escrita ela era vida, celebração, memória. Este é seu "ato primeiro", seu nascedouro. Suas raízes mais profundas estão nesta memória. E os "frutos", no caso a Bíblia como texto, não existem sem as "raízes", sem as lutas da vida, sua celebração e a memória delas.

Ora pensemos no êxodo. Passou-se lá no Egito, aí por meados do 13º século a.C. Só séculos mais tarde veio a tornar-se texto. Até é difícil saber exatamente quando isso se teria dado, talvez no 10º século, nos tempos de Davi e Salomão, mas possivelmente até bem mais tarde. Em todo caso, gerações separam o evento (no 13º século) da anotação escrita (após o 10º século). Neste tempo todo, as celebrações populares da páscoa foram o âmbito, no qual se cultivava, geração após geração, as memórias dos acontecimentos da libertação, o êxodo. E, por certo, também depois de surgirem as primeiras anotações escritas, o povo pobre e analfabeto continuava a celebrar sua páscoa pelos costumes de seus pais. A rigor é aí que a páscoa faz sentido. Faz sentido para a vida dos empobrecidos, para os camponeses em sua luta para manterem-se na terra de seus antepassados (Deuteronômio 26, 1-11). O êxodo é memória de quem luta por liberdade e terra. "Faraós" e gente que se lhe assemelhasse não teriam nenhum apreço em comemorar o êxodo, em celebrar a libertação dos pobres. Portanto, a memória bíblica - que justa-

mente precede a fase escrita da Bíblia - chega a estar ainda mais enraizada nas dores e lutas populares. Os textos não negam esta dimensão, mas podem facilitar seu acobertamento, como tão bem ilustra a própria trajetória de nossas igrejas, nem sempre muito fiéis às memórias do êxodo libertador dos empobrecidos, de quem vivia sob a ameaça de ser desalojado de suas terras e de sua casa (veja Miquéias 2,2; Isaías 5,8).

Memória e celebração do êxodo parecem pressupor gente que ainda vive em sua terra e aí resiste. Os profetas tendem a ter suas raízes numa situação ainda pior. Quando falam dos pobres, se tem a impressão de que se trata de pessoas que já "perderam" sua terra. Outros já se assenhorearam dela. As pessoas foram feitas escravas "por causa de um par de sandálias" (Amós 2,6). São pisadas "ao pó da terra" (Amós 2,7). A "face dos pobres é moída" (Isaías 3, 15). Deles é exigido pesado "tributo de trigo" (Amós 5,11). Nas ruas há muitos órfãos e viúvas, como resultado do saque do povo (Isaías 10,2). A profecia é a memória dessa gente que tem que viver nas estradas. Nas palavras de Jó: "Passam a noite nus por falta de roupa, e não têm cobertas contra o frio" (Jó 24,7). Profecia é memorial de gente desalojada, migrante. Lógico é o que também dizem os textos. Mas um texto é um texto, não grita nem chora. A memória tem corpo. Grita e clama. Por isso, é tão importante que se leia um texto na dimensão da memória, das lutas e dores, nele representadas. É uma espécie de antena. Serve para captar som ou imagem, conforme o caso. Uma antena, um texto bíblico que deixa de captar os sons e as imagens do clamor dos deserdados já não desempenha mais a tarefa para a qual está posta. Os textos proféticos são antenas da "criação que geme e suporta angústias" (Romanos 8,22). É como se fossem memoriais de migrantes.

Fiel a esta linha profética, Jesus atua nos caminhos, preferencialmente fora das cidades. "Não mais pode entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos". Com esta frase lapidar termina o primeiro capítulo de Marcos (1,45). Após um "capítulo de atuação", aquele que nascera migrante tem definida sua situação: ao lado dos que vivem à margem, em conflito com o senhorio cidadão. Aí pelas margens e pelas casas do povo, vai encontrando discípulos trabalhadores (Marcos 1,16-20), mulheres (Marcos 1,29-31), possesores por "legiões" de demônios (Marcos 5,1-14). Jesus reconstitui a história desta gente: "Qual é o teu nome?" (Marcos 5,9) Ergue-a: "Menina, levanta-te!" (Marcos 5,41) Faz seu memorial! Ultimamente os pesquisadores do Novo Testamento nos têm apresentado um quadro bastante completo deste "movimento de Jesus" que reunia deserdados. A extrema pobreza, em que a Palestina estava jogada pela espoliação romana, criara um verdadeiro contingente de gente migrante. Vivia-se pelos campos, à beira de estrada. Os empobrecidos procuraram algum abrigo nos túmulos dos cemitérios. Sobreviviam em cavernas e desertos. Aí Jesus vai ao encontro dos pobres, "em lugares ermos" (Marcos 1,45).

Tais experiências de gente desalojada foram decisivas para o conjunto do povo de Deus. Fizeram-se seu tronco, seu eixo, seu cerne. Marcaram a memória. E, posteriormente, deram origem aos textos e livros da Escritura. Estes textos e livros não podem ser desconectados da memória do êxodo libertador, dos profetas e de Jesus, o Nazareno, que afirma: "O Senhor guarda o migrante, ampara o órfão e a viúva" (Salmo 146,9).

* Milton Schwantes é pastor da Comunidade Luterana em Guarulhos-SP e prof. do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião/São Bernardo do Campo/SP.